

# CONSTRUÇÃO DE FRASE NA LÍNGUA Umutina A PARTIR DOS SEUS ELEMENTOS CULTURAIS

Luizinho Ariabô Quezo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho, um pequeno recorte da monografia apresentada no curso de especialização em Educação escolar Indígena<sup>2</sup>, trata da construção de frases na língua Umutina, a partir de seus elementos culturais e está inserido na área de conhecimento lingüístico do nosso país, chamado de Brasil. Para realizá-lo precisou-se pesquisar em livros, entrevistar pessoas que sabiam falar no idioma Umutina, de ajuda de alunos do ensino médio para desenhar e ilustrar os elementos a serem mostrados. Foi preciso organizar todas as frases tanto no idioma Umutina como no português. Um trabalho como esse exige muito cuidado, principalmente, quando expressa ou envolve a cultura de um povo. Para entender melhor a língua e revitalizá-la é necessário conhecer sua sintaxe e de orientação de professore. A riqueza deste trabalho é a valorização da cultura e também serve como um ato de mostrar a identidade de um povo.

**Palavras-chave:** língua Umutina, sintaxe, elementos culturais

## INTRODUÇÃO

O povo Umutina, antes do seu contato com a civilização, vivia em plena harmonia. Era um povo nômade e praticava a agricultura, a pesca e a caça. A prática dos seus rituais era no dia-a-dia e a comunicação era somente na Língua Materna.

Sabe-se, por informações documentais, que a população era de 400 pessoas e pode-se afirmar que a cultura não tinha mistura nenhuma. Até que por volta de 1911, começaram a ter contato com outras civilizações. Foi nesse período que começou a grande tragédia para este povo que até hoje é chamado de Umutina. Neste mesmo ano (1911) aconteceram muitas lutas entre os índios e os não-índios por questões territoriais e vários tipos de doenças foram contraídos através do contato, restando apenas 23 índios Umutina.

Já nessa época foi instalado o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) neste local, chamado de terra indígena Umutina. Na época foram proibidos pelo SPI de falar seu idioma e de praticar seus rituais tradicionais. Os 23 Umutina restantes permaneceram neste lugar onde aconteceu a vinda de outras etnias e, com isso, deixaram de praticar seus rituais sagrados. Diante dessa realidade os mesmo passaram a falar somente no português e poucas pessoas ainda faziam seus artesanatos.

---

<sup>1</sup> Professor da Escola Indígena Julá Paré ( Aldeia Umutina)

<sup>2</sup> Realizada no Campus da Unemat de Barra do Bugres-MT

Nos tempos próximos (anos 1990 e 2000), a escola começou a trabalhar objetivando a revitalização da cultura Umutina. No começo os pais não concordavam, mas isso foi superado e hoje os pais já apóiam este trabalho na sala de aula e acreditam que deve ser ensinado para os alunos, pois sabem o quanto é importante a cultura de um povo.

Pode-se dizer que o povo Umutina já revitalizou grande parte de sua cultura, que por muito tempo esteve adormecida. Por este motivo é que se buscou desenvolver esta pesquisa e contribuir para a comunidade. Este material, produzido no idioma materno, facilitará o aprendizado dos alunos e fortalecerá ainda mais a identidade do povo Umutina. Para realizá-lo foi necessária muita leitura, pesquisa e entrevistas. A coleta de dados teve a participação dos alunos do ensino médio na disciplina de Língua Materna.

## **EDUCAÇÃO**

A educação é dada como interação e transformação do ser humano na sua própria sociedade, é o processo de criação e recriação de indivíduos partindo das suas relações sociais com o meio ambiente, o meio econômico e a cultura.

Entende-se que a educação tem o processo de ensino formal que é escolarizado e que facilita o desenvolvimento, o conhecimento e entendimento de um ser na sua sociedade. A educação está garantida na Constituição Federal de 1988 para todo tipo de classe social do país, embora ainda existam indivíduos que precisam de oportunidade na educação. Por mais que a educação seja essencial no desenvolvimento do homem, muitos brasileiros tem dificuldade para ingressar na mesma. O homem como sujeito conhecedor da natureza e nos processos de interação com outros sujeitos, estabelece relações, normalmente desencadeadas pelos conflitos que a sua sobrevivência impõem, produzindo conhecimento e cultura. Daí surge o processo de educação informal que é mediado pela linguagem, a grande responsável pela preservação da cultura e pela consolidação da sociedade. A educação informal tem suas características como: a não-sistematicidade, a espontaneidade e circunstancialidade. A não-sistematicidade é que não planeja; espontaneidade é o que acontece de acordo com a necessidade nos diferentes grupos e relações sociais; e a circunstancialidade é que não há local e hora marcadas, mas acontece conforme a exigência das situações. Já num outro momento do desenvolvimento das sociedades humanas foi preciso organizar e disseminar conhecimento de modo a torná-los comuns a grupos maiores e mesmo à sociedade como um

todo. Dessa forma surge a educação formal que apresenta como características: sistematicidade, programação e é situada artificialmente no contexto social.

O sistemático é metódica e metodologicamente organizado e sistematizado, o programado é com objetivos e ações planejados previamente e situado artificialmente, com tempos e espaços definidos. Todo o ser humano precisa de uma boa educação, seja ela informal ou formal, para que o indivíduo seja crítico em todos seus aspectos sociais.

## **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

A educação escolar indígena pode ser uma educação diferenciada, seguindo as normas do estado, juntamente com a realidade de cada comunidade indígena. Podendo assim incluir um calendário específico e tendo como base, principalmente, o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola ou daquela comunidade escolar. Somente assim estas ações poderão estar garantidas por lei.

Essa é a educação escolar indígena, um dos caminhos para garantir a cultura indígena, os seus costumes e, principalmente, a língua materna do povo a quem pertence. A educação na comunidade indígena já começa desde criança dentro da sua própria família, sendo ensinada pelos pais e avós, partindo do aprendizado da família para o aprendizado escolarizado da comunidade em que vive.

Segundo Mattos (1958) iniciou-se no ano 1549 a história da educação indígena no Brasil, feita pelos jesuítas, com a proposta de converter os índios. Através dessa educação, tinha-se o amplo propósito de aculturar os índios, esta era a política de D.João III. Toda essa política era para que os índios deixassem de praticar a sua cultura e nisso já se incluía o trabalho escravo dos mesmos.

Melatti (1977) afirma que o governo não se preocupou em dar continuidade a esse trabalho e nem impediu o trabalho dos missionários junto às comunidades indígenas, que com isso foi se expandido por todo o Brasil. Esta ação missionária, na tentativa da conversão religiosa que tinha como base a educação, já existia e permaneceu até o fim do período colonial. Conforme o autor, neste mesmo sentido, foi criado SPI (Serviço de Proteção ao Índio) dirigido pelo Marechal Candido Rondon.

Dessa maneira foi estabelecida uma política indigenista no Brasil, com o mesmo fim de educar e catequizar as crianças indígenas, prática que era ministrada somente na língua portuguesa. Tudo isso ocorreu nos anos de 1910 ate 1967.

Posteriormente vem a criação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e, logo em seguida, foi criado o decreto presidencial nº. 58.824, estabelecendo as medidas legais para adoção da língua indígena na sala de aula. Em tais circunstâncias as línguas indígenas passaram a representar meios de “educação” dos povos a partir de valores e conceitos “civilizados”, sendo assim um ensinamento bilíngüe.

Vale afirmar que antes da tramitar no Congresso Nacional a Constituição Federal de 1988, o FUNAI em Brasília definiu em 1987 uma política de atendimento à educação escolar indígena. Com a promulgação da Constituição Brasileira em 1988 a educação indígena passou a ser vista como fonte positiva, assegurando aos indígenas o direito à educação escolar diferenciada, específica intercultural e bilíngüe. Isso assegura as características físicas do povo, a manutenção da língua, as práticas culturais e o resgate de seus grupos étnicos e culturais.

Para assegurar mais os valores da educação nas escolas indígenas, surgiu o Referencial Curricular Nacional para a educação (RCNEI) baseado na Constituição e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que direciona a construção de novas escolas que respeitem a vontade dos povos indígena e que valorizem as práticas culturais do povo.

Vale ressaltar que no começo da educação escolar indígena, eram somente os não-indios que lecionavam para os alunos. Atualmente podemos afirmar que a maioria dos professores são os próprios índios que atuam nas escolas das suas comunidades.

## **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E AS LÍNGUAS INDÍGENAS**

A língua é essencial nas sociedades. Ela é um conjunto de combinações adotadas por um grupo social para permitir a comunicação entre o grupo social e o indivíduo.

Segundo Maia (2006), todas as línguas são produtos da mesma capacidade mental e tem profundas semelhanças como princípio do encaixe de palavras na frase e existência de verbo. A diferença da língua é o sotaque e o dialeto, por isso que a língua não é melhor e nem pior, não é primitiva ou mais desenvolvida.

A língua permite expressão de qualquer conceito. Por carregar em si tanta importância cultural e significar a identidade de um povo, dá-se tanta importância para o seu ensino na educação escolar. Pois quando no cotidiano tem-se o risco de perdê-la e ela deixa de existir, com ela deixam de existir valores, histórias, artes, cantos, enfim, o patrimônio imaterial de um

povo. Por isso, é preciso criar mecanismos para que ela sobreviva e, no caso do Povo Umutina, seja revitalizada.

Dessa forma as escolas indígenas vêm desenvolvendo trabalhos importantes para que haja uma inserção cada vez maior do estudo e do uso efetivo da língua materna no seu interior com reflexos em toda a comunidade.

## **A LÍNGUA E SUA SÍNTEXE**

A sintaxe vem da palavra Grega “SYN” que significa reunir ou juntar e “TAXE” indica categoria, isso quer dizer juntar categoria. (OLIVEIRA, 2008) A sintaxe da língua quer dizer juntar ou reunir palavras que formam uma frase da língua, ou seja, organização da frase.

Dentro da sintaxe temos também a gramática que é construir uma frase, a ordem das palavras numa frase, estabelecendo a relação das frases entre si. Em um trecho lingüístico que pode ser denominado frase, oração ou período pode-se encontrar várias características: tipos de oração em que o núcleo principal é o verbo; podem ocorrer os tipos de período simples ou período composto.

O período simples é formado simplesmente por uma oração, já o período composto possui mais de uma oração numa mesma frase. Pode-se dizer também que a sintaxe é o componente central da linguagem como, por exemplo, relação entre elementos de expressão do som e também elementos de conteúdos.

Frase é a expressão completa de um pensamento, de um sentimento. A frase falada e comunicada é um enunciado. Um enunciado pode ter uma palavra ou várias palavras. Pode ter um verbo ou não. ( OLIVEIRA,2008)

Oração é uma frase ou um pedaço de uma frase que tem como núcleo um verbo, considerado elemento básico da oração. Ao seu redor agrupam-se vários outros elementos, porém, isso não significa que todos esses elementos estejam presentes em todas as orações. Os elementos essenciais são aqueles considerados básicos para a formação de uma oração e sem eles, não há oração. (OLIVEIRA, 2008).

O sujeito é o termo que expressa aquilo a respeito do qual se diz alguma coisa. Há cinco tipos de sujeito: simples, composto, oculto, indeterminado e a oração sem sujeito. (OLIVEIRA, 2008).

Juntamos palavras para formar constituintes ou sintagmas. Juntar ou concatenar é a oração sintática básica, é universal. As crianças começam a juntar palavras por volta de um ano de idade. Antes mesmo de pronunciar as palavras corretamente, elas começam a juntá-las.

Ninguém ensina as crianças a fazer sintaxe. Elas já nascem sabendo e fazem assim em todas as línguas. A sintaxe é essencial na faculdade humana da linguagem, por isso é comum a todas às línguas.

Estudar a sintaxe significa conhecer a estrutura organizacional da língua. Conhecendo a sua estrutura, cria-se uma outra perspectiva de aprendizagem, agora não mais com palavras isoladas.

## CARACTERIZAÇÃO DO POVO Umutina

Em 1911, um ano após a criação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) consolidou-se o contato do povo Umutina, em 1912. Durante alguns anos aconteceu o processo de “pacificação”. Em 1943 o povo Umutina foi trazido para a atual aldeia, que se chamava Posto Fraternidade Indígena, após a epidemia de sarampo, coqueluche e pneumonia contraída através do contato.

A terra Indígena Umutina foi reconhecida através do decreto estadual nº 385 de 06/04/1915 e assinado pelo governador. Recebeu o título definitivo, dado pelo Estado de Mato Grosso no dia 22 de abril de 1960, através do registro nº 4. 021, livro 3-D, folhas 270/29/04/60, no Cartório do 1º ofício Comarca de Rosário Oeste/MT, com o nome de Posto Indígena Umutina. (arquivos da FUNAI)

Antigamente o povo Umutina dominava um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticava a caça e a pesca.

Com a chegada da colonização no Estado de Mato Grosso, o povo Umutina, que era nômade, acabou perdendo essa liberdade por causa da pressão dos seringueiros e poaeiros que se adentravam na região, causando conflitos e mortes em ambas as partes.

A terra indígena fica localizada na região Médio Norte, numa faixa de transição da Amazônia ao Pantanal no município de Barra do Bugres. Sua extensão territorial é de 28.120 hectares, de acordo como mapa oficial e toda terra é circundada em quase toda sua totalidade, pelos rios Bugres e Paraguai. Na margem oposta encontram-se muitas fazendas.

Convivem na terra indígena Umutina várias etnias: Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Irantxe, Kayabi, Terena e Umutina. Porém as demais também se autodenominam como Umutina, devido à elevada miscigenação que há entre elas. É grande o número de casamentos entre índios e não-índios. A população atual é de 430 pessoas, sendo a maioria de jovens e crianças.

A arte material era muito rica, composta por diversos enfeites de penas coloridas, dentes de animais e conchas lacustres. O povo Umutina era conhecido pelos não-índios como “Barbados”, pelo fato de usarem longas barbas. As mulheres deixavam os cabelos crescer e logo depois eram cortados pelos homens. Com estes eram confeccionados colares para o uso masculino. As mulheres e crianças andavam muito ornamentadas, tanto as mulheres quanto as meninas tinham o corpo despido somente da cintura para cima, que era coberto por muitos colares de dentes e grandes brincos de penas coloridas. As mulheres e meninas usavam constantemente saia de fios de algodão batido<sup>1</sup> coloridas com tintas de urucum.

A agricultura tradicional do povo Umutina, baseava-se no cultivo de milho fofo, feijão-fava, mandioca brava, cará e pimenta do mato (...)

De acordo com José Felisberto Cupudunepá era praticado o grande ritual de cultos aos mortos (Adoê), o qual era composto de várias cerimônias. Este ritual acontecia na temporada de amadurecimento do milho.

A atual realidade do povo Umutina consiste no cultivo de pequenas roças de toco e uma roça comunitária mecanizada, nas quais são cultivados os seguintes produtos: arroz, feijão, milho, banana, mandioca, cará, batata doce, abóbora, melancia e cana -de -açúcar.

Há também o cultivo de frutas cítricas e algumas hortaliças no quintal de cada família, onde cada um é responsável por sua plantação. Além dos cultivos, o povo pratica a coleta de frutos silvestres.

A economia da comunidade baseia-se na pesca, produção de artesanato e na comercialização de alguns produtos da roça.

Existem também vários aposentados, pensionistas, beneficiários do programa Bolsa Família, além dos funcionários da FUNAI, prefeitura, Funasa, Organização não-governamentais, professores municipais e estaduais.

A estrutura de funcionamento da aldeia Umutina é composta pelo cacique, chefe de posto, lideranças, profissionais de saúde, professores, associação, conselhos, pastoral da criança e comunidade.

Os Umutina têm sua própria cosmologia religiosa, com suas próprias formas de explicar os fenômenos naturais e sobrenaturais. A partir do contato, houve uma ruptura na cultura e na vida social desse povo, com a entrada das religiões dos não-índios. A primeira religião introduzida na aldeia foi a católica, depois vieram Internacional da Graça de Deus e Assembléia de Deus. A introdução dessas religiões influenciou a vida cultural dos Umutina, causando um grande impacto nos etnoconhecimentos.

Quanto à estrutura física e tipologia, a aldeia central possui um formato retangular, onde as casas são distribuídas uma do lado da outra. Porém, com o crescimento da população, novas moradias foram construídas nas proximidades e, devido à aglomeração de pessoas, vem surgindo novas aldeias.

Os tipos de materiais de construções são diversificados: pau à pique com cobertura de palha, alvenaria e casas de madeira (tábua) com cobertura de telha de barro, eternit e palha. O tamanho e a forma de cada moradia é uma particularidade de cada família, pois não há nenhuma regra quanto a essa decisão. Apenas as estruturas administrativas são discutidas coletivamente (escola, posto de saúde, casa de administração), sendo reservado um pátio no centro da aldeia, com três campos de futebol, sendo dois masculinos e um feminino, além de uma quadra de vôlei improvisada.

Dentro dos componentes físicos da aldeia, contamos com água encanada, oriunda de dois poços artesianos, instalação elétrica e um telefone público com uma torre de captação de sinal.

A aldeia Umutina é banhada pelo córrego dezoito, que nasce dentro da própria terra indígena Umutina, que na língua Umutina chama-se “helatinopopare”.

## ESCOLA DA ALDEIA UMUTINA

A escola chegou à aldeia em 26 de maio de 1943, através do extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio) com o nome de Escola Otaviano Calmon. O seu funcionamento não era estável, devido ao fato dos professores não permanecerem na aldeia. Com isso as aulas duravam de dois a três meses por ano, trazendo muitas dificuldades aos alunos que não terminavam a série iniciada.

Só a partir de 1982, a escola passou a funcionar normalmente com os professores contratados pela FUNAI, professor Benedito de Paula Jacinto e Iraci Oliveira Ferreira.

A escola que funcionava em regime multisseriado foi reconhecida pela lei municipal nº 651/83, em 20 de setembro de 1983, pelo município de Barra do Bugres-MT.

Em 1988, o professor Filadelfo de Oliveira Neto assumiu uma sala de aula nessa escola e, devido ao aumento do número de alunos, a professora Maria Alice de Souza Cupudunepá assumiu a sala de aula em 1989. Os dois professores são concursados através do 1º concurso público de Barra do Bugres.

Ainda na década de 80, saíram os primeiros alunos indígenas dessa aldeia em busca de estudo de 5º a 8º série e ensino Médio (magistério, contabilidade, propedêutico e



administração) na cidade de Barra de Bugres e Cuiabá, porque havia na aldeia apenas as séries iniciais. Com o passar dos anos, a saída dos alunos para a cidade só foi aumentando. Então surgiram muitas preocupações, pois os adolescentes poderiam seguir outros caminhos, desvalorizando os costumes e tradições que estavam sendo revitalizadas.

Além disso, os pais ficavam muito preocupados com seus filhos, tanto na travessia do rio Paraguai quanto no percurso da estrada, pois todos estavam expostos a riscos desde o momento que saíam da aldeia.

Durante a cheia do rio Paraguai, era o período em que todos ficavam apreensivos, pois aconteciam naufrágios de canoas, no qual os alunos perdiam todos os materiais escolares. E temendo que o pior pudesse acontecer, alguns professores da época começaram a discutir com a comunidade a importância de se criar na aldeia a escola com ensino fundamental completo e, posteriormente, o ensino médio.

No início houve resistência por parte de alguns pais, alunos e profissionais de educação, porque temiam a precariedade de assistência do estado, considerando, também, os professores que ainda se encontravam em formação no nível superior (3º grau indígena).

Depois de várias reuniões com as partes interessadas, a comunidade e o sistema do município e do Estado, conseguiu-se concretizar o sonho da criação da escola trazendo todos os alunos de volta para a aldeia, podendo fazer um trabalho voltado para a realidade do povo.

Nesse processo, em 2003 também conseguimos mudar o nome da escola homenageando ainda em vida, um ancião que contribuiu para a revitalização da cultura Umutina, o senhor Julá Paré.

Em 2007, um ano após o término dos cursos de licenciatura do 3º grau Indígena, surgiu o concurso público específico e diferenciado para os professores indígenas de Mato Grosso. E todos os professores da aldeia Umutina que fizeram o concurso foram aprovados.

A escola indígena Julá Paré funciona no âmbito da esfera municipal desde a educação infantil e de 1º ao 5º ano. E na esfera estadual o ensino é organizado em ciclos de formação humana, ensino médio a Educação de jovens e adultos. (EJA)

A estrutura física da escola Julá Paré é composta de salas de aula, sala de direção/secretaria, sala de coordenação, sala de informática, cozinha, refeitório e banheiros.

O corpo docente desta escola é composto por professores formados em várias áreas de conhecimento: ciências da matemática e da natureza, línguas, artes e literatura e ciências sociais.

O corpo administrativo da escola é composto por diretor, coordenação pedagógica, técnico administrativo, instrutora de informática, apoio administrativo e CDCE (Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar).

O corpo discente é formado por cento e trinta alunos distribuídos nos períodos matutino, vespertino e noturno.

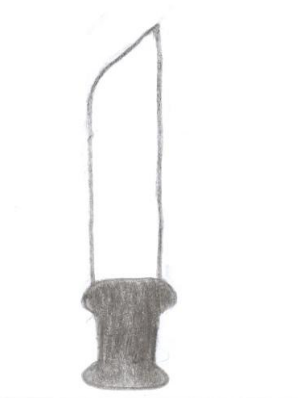
## A PRÁTICA DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA (REDESCOBRINDO A SINTAXE UMUTINA)

Antes mesmo de acontecer o trabalho, foi necessário ler alguns livros que relatam sobre o povo Umutina e sua língua. Também foi utilizado material coletado ainda com o senhor Julá Paré, já falecido. Ele foi um grande membro incentivador da cultura Umutina, que ajudou muito na revitalização da cultura, quando esteve presente em nosso meio.

Este trabalho foi desenvolvido durante as aulas do 4º bimestre com os alunos do Ensino Médio, momento em que eles fizeram os desenhos e as ilustrações.

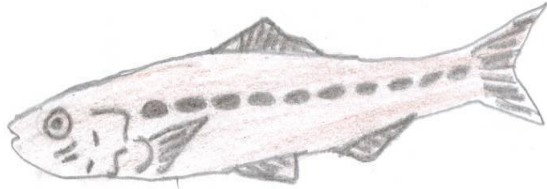
Para que cada frase ficasse na organização certa, houve o momento de pedir orientação para um dos anciãos, além da ajuda de mais um professor que também tem um entendimento na organização de frase no idioma Umutina.

## ORGANIZAÇÃO DA FRASE NA LÍNGUA UMUTINA



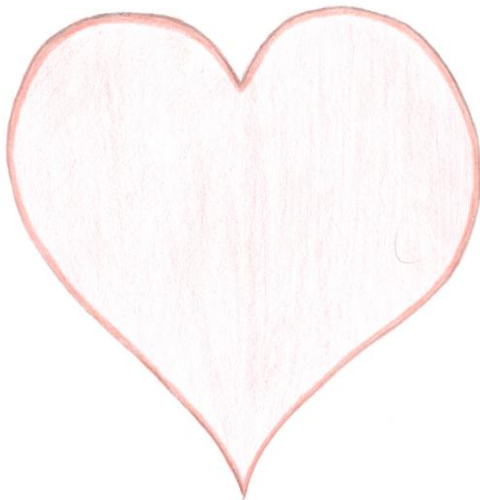
Wassitalo: Faca  
Wassitalo makewá ható.  
Faca muito cortar.  
A faca corta muito.

Figura 02: Desenho de uma faca (wassitalo)  
Fonte: GENILSON, 2008



**Waripô :** Piava  
Pixé atabé olaripô waripò.  
Vamos pegar rio Paraguai piava.

Figura 03: Desenho de uma piava (Waripô)  
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008



**Uapú:** Coração  
Uapú Ajukuita koxiporé Makewá.  
Coração Onça Pintada grande muito.  
O coração da Onça Pintada é muito grande.

Figura 04: Desenho de um coração (Ú)  
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Julá Pará, 2008



**Ú:** Timbó  
Ú biamutu haré makewá.  
Timbó morreu peixe muito.  
No timbó morreu muito peixe.

## CONCLUSÃO

Para que cada professor tenha uma boa capacitação e conhecimento é preciso que cada dia de sua vida ele esteja aperfeiçoando com o estudo. Foi o que aconteceu na hora de fazer a construção deste trabalho, de como é a forma de construir uma frase na língua indígena Umutina e de como é a tradução no português.

Na construção deste trabalho, com certeza, eu obtive mais conhecimento na questão da linguagem, e que será mais um livro didático para ser usado na escola da minha aldeia.

Este trabalho de pesquisa já é uma grande mudança na minha vida como um profissional da educação e também uma mudança na melhoria da educação na comunidade indígena Umutina.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Rosana Costa. *Introdução à sintaxe e a seus conceitos básicos*, Programa de educação superior indígena intercultural, 2008. Mimeografado.

MAIA, Marcus. *Manual de Lingüista: subsídios para professores indígenas na área de linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação continuada, Alfabetização e Diversidade; LACEN / Museu Nacional, 2006.

SCHULTZ, Harald. (1962). *Informação etnográfica sobre os Umutina*. Revista do Museu Paulista. Nova série, T. XLL. Paris.

MEC/SEF, Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

JANUÁRIO, Elias. *A construção do currículo no 3º Grau indígena: a etapa de Estudos presencial*. Cadernos de Educação Escolar Indígena 3º Grau Indígena. Barra do Bugres: Unemat; v. 3, n. 1, 2004.

CUPUDUNEPÁ, Maria Alice de Souza & QUEZO, Luizinho Ariabô. *História e Mito do Povo Umutina*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua, Arte e Literaturas), Unemat, Barra do Bugres, 2006.